

B. N. L.

10299

EPISTOLA

USURPADOR EX-INFANTE

MIGUEL MARIA DO PATROCINIO

NA SUA SAÍDA DE PORTUGAL

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Promisi Ullorem; et verbis odia aspera movi.

Virg. *Æn.* L. 2.

EM hora má do porto desaferras,
O' Príncipe das Trevas, cujo Nome
He do Bardo Fiel deffeso á Lyra.
Em três vezês má hora a proa infanda
Cometta o mar com as Furias por Nereidas,
Por Gálerno os tufões, e ao leme a Parca.
Possa a brisa da terra aos teus ouvidos
Só levar ais dos teus e Vivas nossos.
Possas tu não sentir nas asas d'ella
Mais que orvalho de lagrimas, que nutra
Na aridez da tua alma agros abrolhos.
Vomitára-te o Oceano em nossas praias
Monstro devorador; leve-te o Oceano.
Cumpriste o encargo teu; jaz nua a terra,
Sangue os rios, ruinas as Cidades.

O' Mar , a cujas brenhas o Impio affoita
 A vida , n'este sólo mal segura ;
 O' Mar que em tua infancia devoraste ,
 Por criminosa , a geração dos Homens ;
 Que profundo , que indomito , que immenso
 Es emblema e pregão de Liberdade
 Estampado por Deos na face do orbe ,
 Ahi tens o Usurpador e o Parricida ,
 O Reo mais negro , o mais feroz Tyranno.
 ; Que farás d'elle ? E se astros vingadores
 Te-vedão subvertêl-o ao Ceo que infama ,
 ; Onde irás tu depôl-o ? Em que rochedos
 De Listrigões ou Ciclopes ; em que antros
 De ursos ou de dragões , seus dignos Socios ?
 Antro ou rocha haverá que não se-afundem
 Se a praguejada quilha ousar tocar-lhes ?

No Atlantico, e bem longe, entre dois mundos
 La estão de Santa Helena eternas rochas,
 Onde do Grão Proscrito inda hoje os Manes
 Misturão seu gemer aos sons das vagas. —
 Não. — Das vagas Rainha abominosa
 Refalsada Albion ali sepulta
 Da Omnipotencia o Filho, o Novo Atlante
 Sustedor do Universo; ali concentra
 N'um ponto só toda a grandesa humana;
 Mas quer nos muros seus, chamando-os Livres,
 Agasalhar os déspotas do mundo
 Sacudidos do solio horrorisado!
 Lisia te-arroja do rasgado seio,
 C'roado, imberbe Algoz, mas não desmaies;
 Vais opulento; Albion a Prostituta,
 A Prostituta vil te-alonga os braços. (*)
 Qual mendigo quizera esses thesoiros

(*) *Justiça a todos. Ingleses ha honrados, generosos, alguns nos servirão no seu Governo, no Parlamento e nos nossos Exercitos. Para es ses a nossa gratidão.*

Com uma hora d'essa vida, ou que alma Inglesa,
 Inglesa mesmo, accitaria o pacto!
 Velarás entre cofres que atulhaste
 De lagrimas e sangue; em montes de oiro
 Revolverás teus somnos transparentes;
 Pernoitarás armado; a cada instante
 Ulularás no horror das trevas mudas
 Vendo espectros de Velhos, de Meninos,
 De Mulheres, de Heroes, e a Regia Sombra
 Do Piedoso, em quem Pai não conheceste.
 „Nós te-esperamos, clamarão ferozes,
 „Nós te-esperamos lá! Viver na historia
 „Foi teu desejo, e viverás: mas caro
 „Te-ha de custar, que a Eternidade existe.
 „Se hipocrita o não creste, aprende-o; pasma!„
 Assim dirão partindo, e tu convulso
 E acordando ao tremor das proprias armas,
 Saltando em terra, bradarás soccorro:
 Porem debil, como homem que ha fugido
 Mãos de mortos, e traz inda no rosto
 A pallidez, reflexo do outro mundo.

Melhor que a noite não será teu dia.

Se as proprias tuas victimas soubessem...
 Davão-te inda uma lagrima. Opprimido
 Do férreo Ceo do Inglez; a vista ao largo
 Por sobre o equoreo inmenso, em vão buscando
 Não patria, que a não tens: não ja parentes,
 Que os-proscreveste: amigos não, que amigos
 So a Virtude os-conta, mas escravos
 Mas pompas, mas poder, e o ar e o sólo
 E a primavera d'estes campos Lusos;
 Não vendo mais que aspectos orgulhosos,
 Mofadores talvez; não mais ouvindo
 Venal lisonja deificando o opprobrio,
 Mas sons de lingua barbara, que ignaro
 Julgarás sempre execrações e insultos;
 Fugindo ás multidões, onde olhos Linceas

Te-estudaráõ na face arcanos da alma ;
 Não parando nos ermos inaccessos
 Com medo ao Luso ferro ; ousando apenas
 Beber do rio as aguas fugitivas ,
 Comer dos fructos da arvore , colhidos
 Por tua propria mão , ; que vil mendigo ,
 Que alma Inglesa invejára essa fortuna ?

Invocarás em teu delirio a morte ,
 E a morte que alistaste em teu serviço
 Virá emfim , virá. Tua alma solta
 Mas avergada de flagicios negros ,
 Onde se-irá perdida ? O Livro Grande
 No dia da trombeta pavorosa
 Responderá , se humanos o não ousão.
 Mas teus ossos na terra e sob a lagem
 Dormiráõ somno máo ; teu nome inscrito
 Não pedirá suffragio ao passageiro.
 Teus frígidos Bretões em teu sepulchro
 Não plantaráõ cipreste , a cuja sombra
 Tremulada do vento , errem teus Manes :
 Não , que ja não terás com que pagar-lho.
 Peregrino cançado do caminho
 Nunca irá , posto o sol , tomar descanso
 N'essa pedra infamada : e se algum hora
 Passo ou voz te-quebrar mudez profunda ,
 Não serão de filosofo ou de amante
 Que entre urnas vão sismar e entristecer-se ;
 Serão festins e canticos de Lusos ,
 Serão danças de rosas coroadas
 Dos Filhos de teus Martyres. — Vai , Monstro :
 Sólta a véla , ergue as anchoras , restruge
 Com o canhão derradeiro a praia livre ;
 Desapparece. E prestes no horisonte
 Se te-abismem co'-a vista d'estes cumes
 As illusões e as ultimas esp'ranças !

Ah ! quaes vão ser teus longos pensamentos
 Debruçado da tremula amurada

Sobre a rota, fugaz, sonora espuma?
 Quem os sabe? A Poesia, pois que empresta
 A penhascos sentir, idioma aos brutos,
 Ouse pôr em tua alma entendimento.

» Assim nasceste, minhas glórias leves,
 » E assim passastes! Hontem rodeado
 » De vassallos sem numero, de lanças
 » Que á minha voz corrião rebanhadas
 » Como ceara ao vento; e hoje ludibrio
 » Dos esquadrões horrisonos das vagas!

» Eu, cuja mão cruenta era osculada
 » De um Povo altivo; eu, cujo olhar fulmineo
 » Infundia o terror, vejo ora inulto
 » Sorrir-me ao lado o nauta, o passageiro
 » Fitar-me face a face, e o Sentinella
 » Voltar-me impune a espalda insultuosa.

» Tudo me-abandonou qual nevoa errante
 » Se a-fere o Sol do estio, o Sol do Tejo
 » Que eu nunca mais verei. Eu trahi tudo
 » E tudo me-trahio! — De braços tantos
 » Não tive um, que siel me-assassinasse!

» E eu, eu porque o não fiz!.. Perdendo tudo
 » ; Não me-restava um ferro? eu não podéra
 » Com um formoso morrer lustrar meus crimes?
 » Tanto habito de morte, uso tão longo
 » De beber sangue, promettêrão nunca
 » Tão cobarde vileza? Oh! que he terrivel
 » Como porta de Averno a sepultura!

» Erão e são comigo os meus remorsos;
 » Elles sós contra si detem meu pulso.
 » Se eu cuidára co'-a vida anniquilal-os
 » Lançára-me ao profundo! — Ai! que não haja
 » Em roda d'este mar, nas raias do orbe,
 » Refugio onde ao remorso um reo se-esconda!

» Longe, longe, Pesares importunos!
 » Reinei máo grado ao Ceo, máo grado aos homens.
 » Meu carro triumphal deixou vestigios

» Fundos em mais de um seculo. Fui Grande!
 » De almas plebéas o remorso he filho.
 » Para o-perder de todo, oh! se eu pudesse
 » Novamente perjuro, entrar em Lisia;
 » Colher meus vencedores generosos
 » E punil-os de o-ser; cingir meu throno
 » De um muro de cadaveres!.. Deixada
 » Da Religião a mascara ja rota,
 » Requentára em feroz, se inda he possivel.
 » De horrores que espalhei não me-arrependo.
 » Desespera-me sim que esses horrores
 » Firmassem mais a odiosa Liberdade.
 » Era tenue sentelha; eu vento adverso
 » A-fiz incendio que devora tudo.» —

Taes sejão teus verdugos devaneios
 Por solidões do mar, em quanto os Lusos
 Restauramos em paz esperançosa
 Terra de nossos pais, desaffrontada.
 Não bastaráõ á Fama as oem trombetas
 Para te-irem ralar de dia em dia
 Com os bens que dadivoso o Ceo nos-chova;
 E com as glorias dos teus dobrar teus luctos.

Mas luctos, mas remorsos, que te-importão,
 Se do mal contra o mal tens feito escudo,
 E do que um vicio dóe te-curão vicios?
 Socios de corrução jamais falecem.
 Com elles dissipando ideas torvas,
 Renova as rituaes longas Orgias.
 Afoga na ampla taça o ultimo raio
 Da cadente razão, persegue as feras
 Menos feras que tu, no Circo usado
 Vai braveza ensinar ao toiro horrivel,
 E cançado de insania, adormecer-te
 Nos braços de uma Aspasia, ou Lais ou Phryne.
 Teus primeiros recursos forão estes,
 Estes serão teus ultimos recursos.

Que seria de nós, se em tua fronte

Durasse até ás cãs essa usurpada
 C'roa, caída em fim ! ; Que pouparias
 Affeito ao sangue, tu, que para jogo
 O-derramavas na viçosa quadra,
 Quando a alma Natureza he meiga em todos,
 N'essa idade em que Nero inda era pio?
 Mas Amor os leões e os tigres dóma,
 E para ti Amor não tinha um laço.
 A tua raça (parabens ao mundo!)
 Raça de monstro, acabará contigo!
 Graças aos outros déspotas (*), não houve
 Princeza, que por victima arrastasses
 A's aras de Himeneo. Falhou nos impios
 D'esta vez a Politica, e sobre ella
 Uma vez triunfaste, ó Natureza!
 Nenhum quiz o labéo de haver-te filho,
 Nenhum d'esses que amavão nossos ferros,
 E que apenas o som da queda tua
 Lhes-echoar nas abobadas doiradas,
 Tem de chorar amargo entre blasfemias.
 Mas elles que estremeção, chorem, rujão,
 Mordão-se; ja ninguem lhes-tême as iras.
 Mais Santa Convenção reúne os Povos,
 E metade dos Reis tem parte n'ella.
 Dos outros o poder véle os seus servos;
 Fará muito. Da idade o dente occulto
 Os thronos carcomeo, ja não he raro
 Que dos crimes o peso allúa os thronos.

Não foi para aplacar da Ursa os filhos
 Inimigos da Luz, que em Lisia houveste
 O' barbaro, perdão, thesoiros, fuga.
 Sequioso o cadafalso te-pedia,
 Mas foi lei do Senhor na infancia do homem,
 Não matarás Caim. — Derão-te a vida

(*) Não o-ponho como sinonimo de Reis, falo só dos que e-são. O que se-declarasse offendido, faria elle proprio a sua Satyre.

Porque enchenes de sangue generoso
 Com um pouco sangue vil se não remião. —
 Derão-ta porque longo te-consumão
 As venturas de Lisia, e gota a gota
 Pelos ouvidos vás bebendo a morte. —
 Derão-ta em fim porque a ninguem pões sustos
 Mas compaixão e horror. Embora abrindo
 Teus aarentos cofres, alugasses
 As vozes, o Senado, as Naos e as Tropas
 Da que ao turbante e á cruz servio na Grecia:
 Foste nimio cruel, não nos-dás sustos.

E ousar d'esses Bretões o Bardo altivo (*)
 (Maldições á injustiça até do Genio!)
 Ousar chamar ao Lusitano — *Escravo*,
 E dos *Escravos o infimo* — quando elles,
 Mais que ninguem, nos ferros nos-retinhão!
 Quando nos Pactos improbos da força
 O Luso sangue, a Lusa Liberdade
 Era por elles sotoposta ao oiro!
 Fomos servos, mas servos insoffridos;
 Servos sempre em murmurio, e odeando-os sempre;
 Servos que dos grilhões fizemos armas,
 E te-affrontámos, Despota, e vencemos,
 E somos livres, e o-seremos sempre,
 A despeito de ti, de Albion, do Mundo!
 Vai! são dignos de ti, e és digno d'elles!

FIM.

(*) *Lord Byron.*